



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

LA MUJER SIN CABEZA E QUE HORAS ELA VOLTA: O OLHAR FEMININO NOS CINEMAS LATINO-AMERICANOS CONTEMPORÂNEOS

Patrícia Crespan Mantelli (URI)

Rosângela Fachel de Medeiros URI

RESUMO: O sistema cinematográfico sempre carregou consigo a definição e a representatividade sob um olhar masculino, de certo modo machista e preconceituoso. Pois para Kaplan: “o modo pelo qual a mulher é imaginada nos dramas convencionais de Hollywood emerge do inconsciente patriarcal masculino. São medos e fantasias do homem sobre a mulher que achamos nos filmes, não perspectivas e inquietações femininas” (KAPLAN apud LOPES, 2002, p. 212).

O presente ensaio destina-se a análise do meio cinematográfico Latino Americano da contemporaneidade, mediante o olhar feminino de suas diretoras fazendo recortes a questões de gênero, sexualidade, feminismo, machismo, poder e hierarquização.

Como base da análise tomaremos por objeto de estudo o filme argentino intitulado “LA MUJER SIN CABEZA” de Lucrecia Martel, que aborda aspectos referentes as questões acima citadas, em conjunto com o curta-metragem denominado “ A VEREADORA ANTROPOFAGA” de Pedro Almodóvar. Objetiva-se promover discussões a partir da perspectiva de gênero, significados construídos historicamente em torno do desejo, das noções de masculinidade e feminilidade e da evolução cinematográfica Latino - americana.

Como a presença feminina no cinema sempre ocupou o lugar de objeto a ser visto e desejado, faz-se necessário mostrar o lugar que a mulher vem ocupando em todas as áreas sociais e principalmente no meio cinematográfico, este conquistado por mérito vindo diretamente de sua participação e contribuição sob um olhar voltado justamente para si e para as demais que ainda buscam o reconhecimento e o espaço a ser ocupado.

Palavras- Chave: Cinema. Gênero. Feminina. Olhar.

Segundo Rosângela Fachel (2014): O aspecto visual é fundamental por ser uma característica inerente à linguagem cinematográfica. E toda obra cinematográfica é construída a partir da perspectiva da presença de um espectador ideal, cujo olhar coincide com o foco da câmera.

No foco cinematográfico sempre esteve a figura feminina, o corpo, a sensualidade. A mulher é descrita a partir de um olhar masculino e para um público masculino, como uma espécie de objeto. Este olhar masculino não se trata propriamente do olhar de um homem, mas sim de um olhar masculino ao qual o espectador se submete.

Segundo Laura Mulvey em “ Visual Pleasure and Narrative Cinema” (1973), no cinema tradicional (hollywoodiano), sempre predominou o olhar masculino, deixando à mulher o papel de objeto passivo do olhar. É evidente a distinção que a autora propõe em relação ao papel masculino e feminino no fazer cinematográfico, distinção entre olhar (masculino) objeto do olhar (feminino).

The magic of the Hollywood style at its best (and of all the cinema within its sphere of influence) arose, not exclusively, but in one important aspect, from its skilled and satisfying manipulation of visual pleasure. Unchallenged, mainstream film coded the erotic into the language of the dominant patriarchal order. In the highly developed Hollywood cinema it was only through these codes that the alienated subject, torn in his imaginary memory by a sense of loss, by the terror of potential lack in phantasy, came near to finding a glimpse of satisfaction: through its formal beauty and its play on his own formative obsessions (MULVEY, 1999, p. 834-5).

As diretoras ocupam cada vez mais o campo do cinema latino-americano, muitas instaurando um novo olhar ao fazer cinematográfico, abrem espaço ao que se poderia chamar de um olhar feminino que se contrapõe ao olhar masculino.

As mulheres na posição de cineastas abrem espaço para um olhar feminino que estabelece uma ideia divergente ao fazer cinematográfico masculino. Quais seriam as características desse olhar cinematográfico feminino latino-americano é a questão que permeia essa proposta de análise. Por muito tempo a presença feminina no cinema era apenas em frente às câmeras. Há vários filmes sobre mulheres, porém poucos dirigidos por elas. Kaplan destaca que o melodrama hollywoodiano pode expressar os sofrimentos, conflitos e opressões femininas em função do patriarcalismo, mas ainda em sua grande maioria, focalizando o que concerne aos homens, aos seus desejos e fantasias (Kaplan apud Lopes 2002).

São muitas as diretoras que vem se destacando atualmente em meio ao fazer cinematográfico masculino como por exemplo, Isabel Coixet, Kathryn Bigelow e Jane Campion. Como prova deste destaque feminino, em 2010 foi concedido pela primeira vez na história, a maior premiação do cinema mundial o Oscar de melhor direção a uma

mulher. Kathryn Bigelow foi indicada por Guerra ao terror (*The Hurt Locker* – 2008), que desde então, nenhuma outra mulher foi indicada a premiação.

As duas referências teóricas predominantes nos trabalhos de Mulvey são a psicanálise e o feminismo.

No artigo “Afterthoughts on Visual Pleasure...” Mulvey traz dois novos elementos para a sua reflexão: a mulher como espectadora e a personagem feminina como centro da narrativa, deixando explícito que o olhar masculino representa uma posição, um lugar.

Quanto à mulher, na posição de espectadora assume o lugar masculino do olhar e do prazer. Partindo da reflexão de Mulvey, o cinema narrativo tradicional é feito sob um olhar masculino. As teorias de Mulvey serviram à teoria e à crítica feminista do cinema.

Teresa de Laurentis, no texto “A tecnologia do gênero”, fala do cinema como umas das tecnologias de criação de subjetividades. Para ela, o foco das análises deveria ir além das diferenças sexuais de gênero e incluir, também, a diferença entre mulheres.

O olhar feminino no cinema Latino-americano consiste na subjetividade da autora, na ênfase que é dada à protagonista e na forma como ela consegue envolver o público, feminino ou masculino.

A maneira com a figura feminina é apresentada, sendo ou não objeto, é diferente ao olhar masculino e ao olhar feminino, pois quando se trata de uma diretora parece haver uma projeção subjetiva ao lugar da personagem.

Para Mulvey, o fato da mulher, como portadora do olhar, poder optar por essa posição masculina é repressivo, mas também liberador. Liberador no sentido de ser uma experiência de distanciamento do olhar, que revela ser essa posição contingencial e não essencial. E a emergência da consciência desse olhar contingente possibilitou o surgimento de um olhar cinematográfico feminino mais curioso “sobre o que estou olhando, mais propriamente do que ‘eu sou apenas o sujeito da tela’” (MULVEY, 2005).

A presença do olhar feminino no foco cinematográfico da obra: mulher sem cabeça

Lucrecia Martel (1966) – diretora argentina do filme *La Mujer sin cabeza*, iniciou sua carreira dirigindo curta metragens em seguida passando a realizar os de longa

metragem. A mulher sem cabeça além de ser escrito a partir de um olhar feminino, tem como protagonista uma personagem feminina.

La Mujer sin cabeza é o terceiro filme da cineasta, produzido com apoio da produtora da Almodóvar. A narrativa está focada em Veronica, uma dentista de meia idade que após passar uma tarde com amigas, retorna para casa dirigindo distraidamente e acaba batendo em algo. Devido ao impacto da batida, Veronica fica meio atordoada e olhando pelo retrovisor, vê de longe um cão atropelado. Segue e mais à frente desse do carro, parece confusa e tendo batido a cabeça busca atendimento no hospital no qual seu marido trabalha.

A maioria das críticas internacionais acerca do filme se detém na questão da oscilação entre realidade e fantasia, na qual estaria mergulhando Verônica após o acidente e assim “perdendo a cabeça”. Já na Argentina, aconteceu a leitura de um subtexto extremamente nacional, a própria diretora acredita que esse é seu filme mais argentino e que está repleto de referências regionais, e “*esas cosas las registra y las entiende nuestra pequeña historia regional. Y esta película la necesita, así como necesita el idioma castellano*” (MARTEL apud ENRIQUEZ, 2008)

A questão principal não é, então, o jogo entre o que realmente aconteceu e o que pode ser fantasia, mas a forma como o impasse se resolve. Antes do acidente, Verônica vivia alienada em seu mundo burguês, indiferente às questões sociais e, principalmente, acomodada em seu papel de mulher: mãe, esposa, amante, magra, profissional, acreditando ser independente. Após o acidente, Verônica seguirá sua vida, mas com uma mudança muito drástica, a triste consciência de sua condição de mulher, e o único que pode fazer é calar.

La mujer sin cabeza:

A obra fílmica apresenta uma personagem feminina reprimida, assustada e retraída, que em meio aos seus devaneios, busca respostas para explicar situações vividas pela personagem em um curto espaço de tempo que a mesma não consegue lembrar. A imagem feminina é uma mulher perdida em seus medos, mentiras e verdades.

O Filme apresenta uma narrativa fragmentada e subjetiva que convida o espectador a ser cúmplice, sem saber ao certo o que vai acontecer, mesmo este

apresentando as cenas de maneira lenta e centrada na personagem, possibilita ao espectador a interagir com a dúvida da protagonista.

A cineasta explora o sentimento e a memória, envolvidos numa trama de difícil classificação, na qual apresenta uma personagem feminina com dupla personalidade formada por duas visões: uma delas é a de como ela própria se vê e a outra como os outros a veem. Nesta perspectiva o espectador acaba construindo a personagem a partir da leitura de imagem feita através da sequência do foco narrativo. O segredo compartilhado somente com o espectador, faz com que esta interação cúmplice torne-se uma experiência intimista, angustiada e angustiante.

Percebe-se que no cinema latino americano o corpo feminino é de uso explícito, demonstrando a identidade feminina, caracterizando o a personagem de acordo com a cena protagonizada.

A discriminação da mulher que horas ela volta?

É um longa metragem que possui um olhar crítico à sociedade contemporânea. Com direção e roteiro de Anna Muylaert, tem como protagonista a artista brasileira Regina Casé que interpreta a empregada doméstica Val, uma pernambucana que deixou a filha com a irmã e veio para São Paulo tentar a sorte. Ela acaba indo trabalhar numa mansão no Morumbi, onde além de empregada doméstica toma conta de Fabiano, filho do casal.

Durante as cenas bem focadas pelas lentes das câmeras atreladas ao olhar da diretora Anna, percebe-se através do jogo de imagens nos faz viajar no tempo. Tudo parece bem na rotina diária até que Val recebe um telefonema de sua filha Jéssica pedindo para vir para São Paulo, pois quer prestar vestibular.

Que horas ela volta?:

A figura feminina nos é apresentada como submissa, figurativa, embora esta exerça o papel de protagonista, estabelecendo padrões hierárquicos de uma sociedade ocidental arraigada de preconceito que insiste em manter viva a diferença de classes sociais persistente. Apesar de sua simplicidade e de trabalhar arduamente nunca deixou

de ser feminina, passando ao espectador a imagem da mulher humilde, nordestina, trabalhadora, sonhadora e dedicada que serve aos patrões.

Tendo como foco principal a imagem feminina, simples e dedicada ao trabalho, o longa metragem *Que hora ela volta?* Enfatiza o abismo que separa o mundo dos patrões do mundo dos empregados. Através de uma espécie de referencial do olhar masculino, a cineasta Anna Muylaert procura mostrar a figura feminina como uma mulher de fibra, capaz de assumir vários papéis, sem deixar se abater pela diferença de classes sociais ou mesmo a minimização da mão de obra.

Entre ruídos, o filme consegue passar o recado, e dar ao espectador um espelho (como tantos definiram) sobre nosso papel nesta história – com o mérito de colocar três mulheres (quatro, com a diretora) no centro de um debate sobre emancipação e determinações patriarcais (“aqui em casa todo mundo dança, mas sou eu quem escolhe a música”, diz, a certa altura, o pai, ainda inconsciente da sua decadência).

Em ambos os filmes, destacam-se temas relacionados a contextos políticos e sociais, diversidade sexual, discriminação sexual, hierarquia social, aparentando haver uma espécie de diálogo entre as cineastas. É interessante destacar que os títulos dos filmes se relacionam com a condição que a imagem da mulher é passada ao público e por serem obras dirigidas por mulheres, revelam um olhar que explora a beleza, dialogando com os corpos reconstruindo ou mesmo construindo suas identidades.

O olhar das diretoras quanto a apresentação do corpo feminino das protagonistas dialogam com os padrões esperados pelos espectadores e diante destes se recriam e se desconstroem em duas instâncias: o desejo e o temor. Na obra *A mulher sem cabeça* o olhar que permeia a narrativa é de um observador indefinido, imparcial e neutro, porém por vezes coincide com a perspectiva da personagem. Em *Que hora ela volta* o olhar é definido, explícito que passa ao espectador a realidade que estes conhecem e convivem cotidianamente. Apesar de parecer fácil a identificação do olhar feminino, faz-se necessária uma análise minuciosa das cineastas em questão e das personagens protagonizadas para que se entenda o que e como as diretoras de cinema latino – americanas querem demonstrar.

Segundo Rosângela Fachel (2014): Através da constituição de olhares cinematográficos femininos, cada uma das cineastas utiliza caminhos (estéticos e

narrativos) diferentes para abordar a questão da mulher e do feminino. É interessante destacar que as duas cineastas pertencem a sistemas cinematográficos nacionais, o brasileiro e o argentino, nos quais é reconhecida uma grande presença de mulheres realizadoras (cineastas, diretoras), fato que os diferencia de outros cinemas nacionais.

Referências

ENRIQUEZ, Mariana. **La mala memoria**. *Suplemento Radar*. Página 12. Buenos Aires, 17 agosto 2008. Disponível em:
<<http://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/radar/9-4766-2008-08-18.html>>.

Acesso em: 7 mar. 2016.

LOPES, Denise. **A mulher no cinema segundo Ann Kaplan (entrevista)**. *Contracampo*, v.7,2002. Disponível em;<<http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/viewFile/483/247>>.

Acesso em: 15 agosto 2016.

LUCRECIA Martel presentó "**La mujer sin cabeza**" en Cannes. *Cinevivo*, 22 maio 2008. Disponível

em:<http://www.cinevivo.org/home/?tpl=home_notas&idcontenido=1769>. Acesso em: 12 DE novembro de 2016.

METZ, Christian. **O significativo imaginário**: psicanálise e cinema. Portugal: Livros do Horizonte, 1980.

MULVEY, Laura. **Visual Pleasure and Narrative Cinema**. In: BRAUDY, Leo; COHEN, Marshall (eds). *Film Theory and Criticism: Introductory Readings*. Nova Iorque: Oxford UP, 1999.

MUYLAERT, Anna. **QUE HORAS ELA VOLTA?** GloboFilmes. 8 de julho de 2015. Consultado em 7 de Janeiro de 2016.